NOCTEM.ART



EDIÇÃO ESPECIAL

Nº 01

OUTUBRO – NOVEMBRO DE 2026

com Pablo Murad

EDIÇÃO ESPECIAL

NESTE NÚMERO

Nº 01
OUTUBRO – NOVEMBRO DE 2026

ESCREVEM NESTE NÚMERO *Pablo Murad*

01 *The Cult aos quarenta, ainda em chamas* 3
MUSICA *Pablo Murad*

02 *Zé do Caixão, o bicho-papão que o Brasil fez à mão* 9
CINEMA *Pablo Murad*

03 *Ex Drummer, ou como visitar o inferno e voltar para o jantar* 14
CINEMA *Pablo Murad*

04 *O estranho mundo de John Waters* 20
CINEMA *Pablo Murad*

05 *O cubo, a esfera e os olhos que precisaram aprender* 27
GEOMETRIA *Pablo Murad*

06 *Você se ligaria na máquina?* 32
PHILOSOPHIA *Pablo Murad*

07 *Górgias defende Helena, só por diversão* 37
RHETORICA *Pablo Murad*

08 *Está chovendo, mas eu não acredito* 42
DIALECTICA *Pablo Murad*

09 *Marilyn Manson, o monstro que os Estados Unidos encomendaram* 46
MUSICA *Pablo Murad*

10 *k-punk, o blog que viu o futuro ser cancelado* 55
TECHNE *Pablo Murad*



MUSICA · ENSAIO

Nº 01 / 01

The Cult aos quarenta, ainda em chamas

Em 23 de fevereiro de 2025, o The Cult tocou no Vibra São Paulo na turnê dos seus quarenta anos. Sem telões, sem truques, só Ian Astbury, Billy Duffy e um set que foi de Love a Sonic Temple. Eu vi lá de cima, e a banda continua incrível.

01

POR PABLO MURAD

19 DE OUTUBRO DE 2026



The Cult no Vibra São Paulo, 23 de fevereiro de 2025.

No domingo, 23 de fevereiro de 2025, o The Cult tocou no Vibra São Paulo, a segunda de três noites brasileiras da turnê que comemora os quarenta anos da banda. Eles não voltavam ao país desde 2017. Eu estava lá, na parte de cima da casa, com o celular na mão, e as fotos deste post são minhas.

DE BRADFORD, PASSANDO POR UM CULTO DA MORTE

A história começa no norte da Inglaterra. Em 1981, Ian Astbury fundou o Southern Death Cult. Em abril de 1983, juntou forças com o guitarrista Billy Duffy sob o nome Death Cult, e em janeiro de 1984 eles encurtaram o nome para The Cult. Desde o começo, Astbury cantava coisas que a maioria das bandas pós-punk ignorava. “Horse Nation” tirou a letra de *Enterrem Meu Coração na Curva do Rio*, a história do oeste americano contada do lado dos indígenas, e “Spiritwalker” falava de xamanismo.

Depois a banda continuou trocando de pele. *Dreamtime* (1984) foi a estreia. *Love* (1985) trouxe “She Sells Sanctuary” e “Rain”, rock gótico com guitarras psicodélicas e um vocalista que parecia estar chamando o céu para baixo. Em *Electric* (1987), o produtor Rick Rubin despiu tudo até sobrar hard rock, e “Love Removal Machine” saiu dessas sessões. *Sonic Temple* (1989) entrou no Top 10 na Inglaterra e nos Estados Unidos e deu ao mundo



Dreamtime (1984), a estreia.



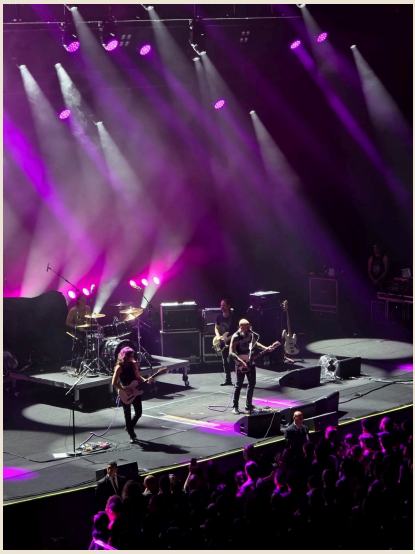
Love (1985), o disco de "She Sells Sanctuary".

"Fire Woman". Poucas bandas andaram tanto em cinco anos e continuaram soando como elas mesmas.

As décadas seguintes foram mais duras. A banda acabou em 1995, voltou em 1999 e acabou de novo em 2002. Com o The Cult parado, Astbury caiu na estrada cantando as músicas de Jim Morrison com o The Doors of the



Sonic Temple (1989), o disco de "Fire Woman".



O Baroness abriu a noite.

21st Century, e saiu desse grupo em 2007 para voltar ao seu. O The Cult está junto desde 2006, e o álbum mais recente, *Under the Midnight Sun*, saiu em 2022.

A NOITE

O Baroness abriu. A banda americana toca um sludge metal pesado e progressivo, e conquistou boa parte de uma plateia que tinha vindo por outra coisa completamente diferente.

Antes da turnê, Astbury tinha prometido que não haveria efeitos nem grande produção, só quatro caras no palco. Ele cumpriu. Não tinha telão nem nada no palco além dos músicos e das luzes, que mudavam de cor a cada música. Não precisava de mais.

Eles abriram com “In the Clouds” e “Rise” e depois passearam pela carreira inteira: “Wild Flower”, “Edie (Ciao Baby)”, “Sweet Soul Sister”, “Rain”, “Spiritwalker”, “Fire Woman”. Para o público brasileiro, trouxeram de volta “Revolution”, que não tocavam ao vivo desde 2022. O bis foi “Brother Wolf, Sister Moon”, “She Sells Sanctuary” e “Love Removal Machine”, que é praticamente o melhor jeito de terminar uma noite que alguém já inventou. Sete dos onze álbuns da banda entraram no set.





Vermelho para o fim da noite.

Aos 62 anos, Astbury ainda tem quase toda a voz dos discos, e passou a noite andando de um lado para o outro do palco sacudindo um pandeiro. Billy Duffy continua sendo um dos guitarristas mais subestimados do rock. Ele toca para a música, nunca para o solo, todo timbre encorpado e aquelas introduções que você reconhece no primeiro acorde. Atrás deles, Charlie Jones no baixo e John Tempesta na bateria seguraram tudo como uma máquina só.

Quarenta anos depois de Bradford, o The Cult continua sendo uma banda incrível. Naquele domingo em São Paulo, lá de cima, era impossível pensar diferente. ■



A tribo se reúne
À maneira de Edvard Munch

MÚSICA · PARA “THE CULT AOS QUARENTA, AINDA EM CHAMAS”



CINEMA · ENSAIO

Nº 01 / 02

Zé do Caixão, o bicho-papão que o Brasil fez à mão

Sem dinheiro, sem estúdio e com o regime militar de olho, José Mojica Marins deu ao Brasil seu primeiro filme de terror e seu próprio bicho-papão, Zé do Caixão. Uma homenagem ao cineasta paulistano que fez cinema com um pesadelo, uma capa...

02

POR PABLO MURAD

22 DE OUTUBRO DE 2026

José Mojica Marins tinha três anos quando o pai começou a tocar um cinema de bairro em São Paulo, e a família morava num apartamento bem em cima dele. O menino cresceu com os filmes subindo pelo assoalho. Os pais lhe deram uma câmera, e ele começou a rodar curtas estrelados por ele mesmo e pela molecada da rua, exibidos em igrejas e parques de diversão. Em 1948, aos doze anos, terminou seu primeiro filme, *O Juízo Final*, em 8 mm.

Ninguém o ensinou. Ainda adolescente, fundou a própria produtora, a Cia. Cinematográfica Atlas, e poucos anos depois abriu uma escola de atores. Com o tempo, transformou uma antiga sinagoga em estúdio, um lugar onde fazia filmes com amadores e amigos e pagava um filme com o seguinte.

O PESADELO

O personagem nasceu em 1963, de um sonho ruim. Mojica sonhou que uma figura escura o arrastava até um cemitério e o parava diante de uma lápide com a data do seu nascimento e a data da sua morte. Acordou decidido a fazer um filme diferente de tudo o que já tinha feito. O cemitério deu ao personagem o nome e o ofício: Zé do Caixão, um agente funerário.

O visual veio de todo lado ao mesmo tempo. A capa preta veio da macumba, e a cartola foi emprestada do símbolo de uma marca de cigarro. As unhas compridas eram uma piscadela para *Nosferatu*, e a silhueta devia alguma coisa ao Drácula de Bela Lugosi. Nenhum ator quis o papel, então o próprio Mojica fez, de barba por causa de uma promessa que tinha feito à família, dirigindo um elenco de alunos da sua escola que não confiavam muito nele.

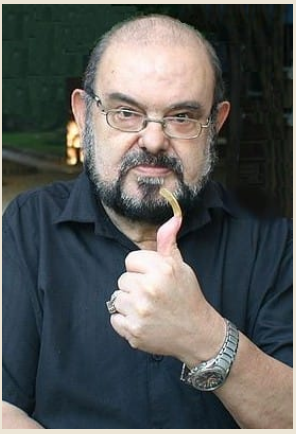
O resultado foi *À Meia-Noite Levarei Sua Alma* (1964), considerado o primeiro filme de terror feito no Brasil.

UM MONSTRO COM FILOSOFIA

O que faz do Zé do Caixão muito mais do que uma fantasia é a cabeça dele. É um agente funerário amoral que despreza a religião organizada e vive por uma versão barata e feroz de Nietzsche. Numa cidadezinha cheia de beatos e vizinhos supersticiosos, ele só acredita no sangue. A obsessão dele atravessa a trilogia inteira: encontrar a mulher perfeita e ter um filho com ela, porque um filho é a única imortalidade que ele aceita.

Essa ideia carrega o primeiro filme e a continuação, *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver* (1967). O Brasil nunca tinha visto nada parecido. Ali estava





O cartaz de À Meia-Noite Levarei Sua Alma (1964).

um vilão que não vinha da Transilvânia nem de um estúdio de Hollywood. Vinha de um bairro de São Paulo, falava português e zombava da igreja na cara dela.

O regime militar percebeu. Os filmes de Mojica foram censurados como amorais e subversivos, o que é uma crítica bem precisa se você ler do jeito certo. Ele continuou filmando assim mesmo, com o dinheiro que conseguisse juntar. Dinheiro nunca foi o forte dele: tinha vendido seu primeiro filme do Zé do Caixão por mais ou menos um quinto do que custou para fazer.

COFFIN JOE GANHA O MUNDO

Por décadas, o Brasil o tratou como curiosidade, um rosto conhecido da TV de madrugada. Ele apresentou programas de terror na televisão, estampou gibis e passou anos como uma espécie de bicho-papão nacional que todo mundo reconhecia e pouca gente levava a sério. A atenção séria veio de fora. Nos anos 1990, fãs e críticos americanos começaram a passar os filmes dele de mão em mão, uma distribuidora cult os lançou em vídeo, e o Zé do Caixão virou Coffin Joe, "Brazil's National Boogeyman", às vezes chamado de Freddy Krueger brasileiro.

O reconhecimento continuou crescendo. Em 2001, o documentário *Maldito: O Estranho Mundo de José Mojica Marins*, de André Barcinski e Ivan Finotti, ganhou um Prêmio Especial do Júri em Sundance. Em 2008, Mojica finalmente fechou a trilogia com *Encarnação do Demônio*, quarenta



anos depois do segundo filme, e levou o prêmio de melhor filme no primeiro Festival de Paulínia.

POR QUE ELE IMPORTA

Mojica fez terror num país sem tradição de terror, sem dinheiro, sem estúdio por trás e com uma ditadura cortando seus rolos. Trabalhou com amadores e transformou os próprios limites em estilo: o grão, os diálogos teatrais, o choque que chega sem aviso. A crítica hoje o chama de pai do terror brasileiro e de uma das inspirações do cinema marginal, a onda underground que veio depois dele. Jovens cineastas brasileiros o redescobriram nas últimas décadas da vida dele, e ele nunca parou de trabalhar, dirigindo segmentos de filmes coletivos já passado dos setenta anos.

Ele morreu em São Paulo em 19 de fevereiro de 2020, aos 83 anos. Nem assim tinha terminado. *A Praga*, um filme que ele tinha rodado em Super 8 anos antes, foi finalizado por Eugenio Puppo e lançado em 2021.

O menino que cresceu em cima de um cinema acabou virando o monstro do próprio Brasil, feito à mão a partir de um pesadelo, uma cartola emprestada e um par de unhas impossíveis. Nada mal para alguém que nunca teve professor. ■



A matinê do coveiro

À maneira de Francisco Goya

CINEMA · PARA "ZÉ DO CAIXÃO, O BICHO-PAPÃO QUE O BRASIL FEZ À MÃO"



CINEMA · ENSAIO

Nº 01 / 03

Ex Drummer, ou como visitar o inferno e voltar para o jantar

Ex Drummer (2007), de Koen Mortier, acompanha um escritor famoso que entra numa banda punk de três desajustados em Ostende, destrói a vida deles em nome de um romance e volta para casa intacto. Absurdo, profundamente perturbado e...

03

POR PABLO MURAD

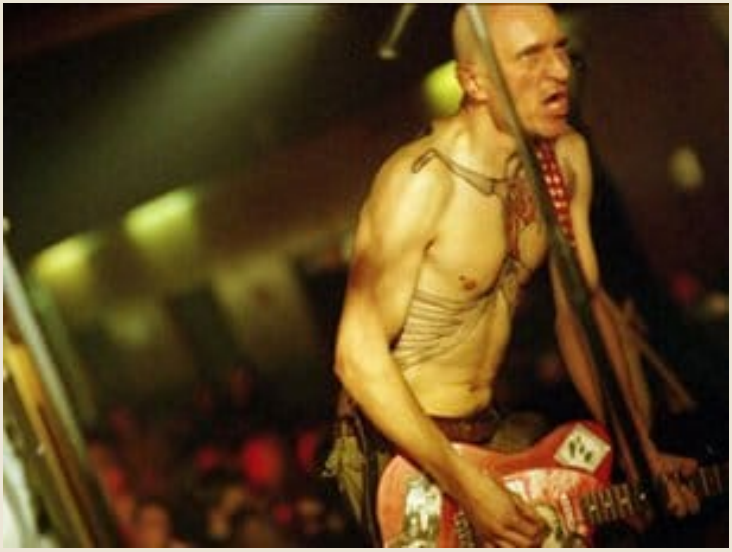
26 DE OUTUBRO DE 2026

Herman Brusselmans publicou *Ex Drummer* em 1994. Treze anos depois, Koen Mortier, um diretor que até então só tinha feito comerciais de TV, transformou o livro no seu primeiro longa, e a Bélgica ganhou o tipo de escândalo que não via desde *Aconteceu Perto da Sua Casa*. A crítica lá fora não foi gentil: o filme tem 44% no Rotten Tomatoes e 36 no Metacritic. Mesmo assim levou o Tiger Award em Roterdã e, com os anos, virou o que sempre ia ser, um filme cult que passa de mão em mão entre gente com um certo senso de humor.

Eu adorei. É absurdo, é profundamente perturbado e não tem a menor intenção de pedir desculpas por nenhuma das duas coisas.

QUATRO DEFICIÊNCIAS E UMA BATERIA

Em Ostende, no litoral belga, três músicos querem fazer um único show num concurso de bandas da cidade e depois sumir. Falta um baterista. Eles vão atrás de Dries, um escritor famoso que nunca tocou bateria na vida, e pela lógica deles o raciocínio é perfeito: cada integrante da banda tem uma deficiência, e a dele é não saber tocar. A banda vira The Feminists, porque para eles quatro músicos "deficientes" valem exatamente tanto quanto um grupo de feministas. A piada diz quem são esses homens. Não diz se você tem permissão para rir, e você ri mesmo assim.





Em casa, no teto.

Koen canta com uma língua presa tão forte que conta como deficiência. Odeia mulheres, é rápido no soco e, em casa, anda pelo teto enquanto todo mundo fica no chão, uma cena que Mortier filma como se fosse a coisa mais normal da casa.

Jan tem o braço direito rígido, mas Dries decide que a verdadeira deficiência dele é a família. Jan ainda mora com os pais. A mãe usa peruca porque é careca. O pai perdeu o juízo e vive amarrado numa cama no sótão.

Ivan é quase surdo e vive de drogas. Na casa dele, uma criança pequena anda de fralda suja enquanto os adultos cheiram cocaína.

Mortier nunca pede que você sinta pena de nenhum deles, e também não pede que você goste deles. Ele só deixa a câmera rodando.

O TURISTA

Dries aceita porque a namorada, Lio, acha que ali pode ter uma boa história. O contrato inteiro é esse. Ele não gosta desses homens e sabe que eles querem o nome dele mais do que a bateria. Então usa os três de volta, e é muito melhor nisso. Quanto mais o concurso se aproxima, mais ele vive dentro do romance que vai escrever, e começa a apertar cada um até achar o ponto fraco, aquilo que quebra.

É disso que eu mais gosto em *Ex Drummer*. Dries entra num mundo que não é o dele, um mundo de sótãos, salas de ensaio e mesas de cozinha cobertas de cocaína. Fica exatamente o tempo de que precisa, põe fogo em tudo e volta para a própria vida como se nada tivesse acontecido. Não tem lição esperando por ele no final. Ninguém ensina nada ao escritor famoso sobre ele mesmo. Ele veio buscar material e vai embora com material.

A maioria dos filmes nunca deixaria ele sair impune. O forasteiro que vai passear pela margem deveria voltar mudado, um pouco mais humilde, talvez com os olhos marejados. *Ex Drummer* pula tudo isso, e o resultado é



mais cruel e muito mais honesto. Brusselmans tirou o romance da própria vida, então a história se lê como a confissão de um escritor sobre o que escritores fazem com as pessoas sobre quem escrevem. Mortier filmou essa confissão sem desviar o olhar uma única vez.

A CARA E O SOM DO FILME

Mortier veio da publicidade, e isso aparece do melhor jeito possível. O filme abre com uma sequência rodada de trás para frente. Gente anda pelo teto. Tem um trecho banhado num vermelho escuro que parece o lado de dentro de alguma coisa viva. As ruas de Ostende são sujas, as casas são piores, e a câmera ama cada centímetro disso. Parte da crítica chamou o filme de *Trainspotting* belga, o que é justo até certo ponto, mas este aqui é mais maldoso e não tem o menor interesse em fazer a droga parecer divertida.

O dialeto merece um parágrafo só dele. É tão carregado que até quem tem o holandês como língua materna acaba lendo a legenda, e dá ao filme uma textura que ninguém conseguiria fingir.

E tem a música. As canções dos Feminists foram tocadas de verdade pela banda belga Millionaire, e o cover de "Mongoloid", do Devo, é o coração do filme: quatro homens que mal conseguem segurar os instrumentos



martelando aquela música como se ela tivesse sido feita para eles. Os rivais no concurso são uma banda chamada Harry Mulisch, em homenagem ao romancista holandês, liderada por outro escritor que todo mundo chama de Dikke Lul, "Pau Grosso" em flamengo. A música deles é cantada por Flip Kowlier. Em volta de tudo isso, a trilha empilha Mogwai, Isis, Lightning Bolt, Ghinzu e Arno.

O filme termina em sangue. Não vou dizer de quem. O que importa é quem sai andando dali.

ONDE ENCONTRAR

A Czar, produtora de Bruxelas que coproduziu o filme, ainda vende o Blu-ray, e a Camera Obscura relançou o filme na Alemanha. Em 2025, Mortier e Nicolas Daenens lançaram um documentário de 31 minutos sobre os bastidores.



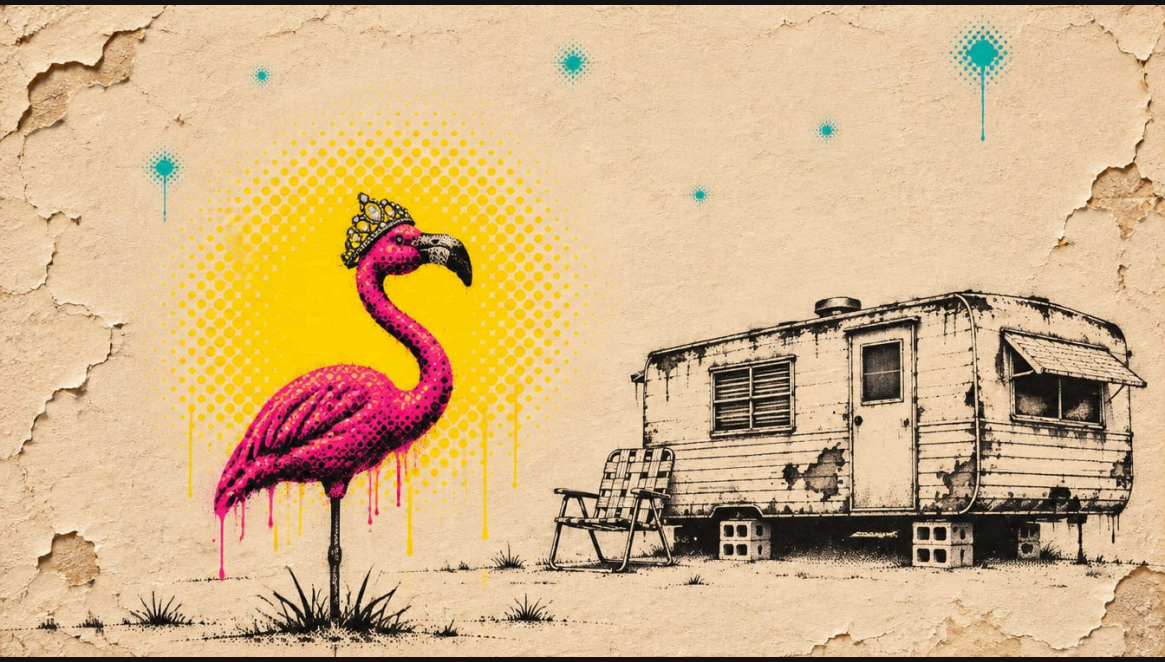
O pôster.



O baterista que nunca tocou

À maneira de James Ensor

CINEMA · PARA "EX DRUMMER, OU COMO VISITAR O INFERNO E VOLTAR PARA O JANTAR"



CINEMA · ENSAIO

Nº 01 / 04

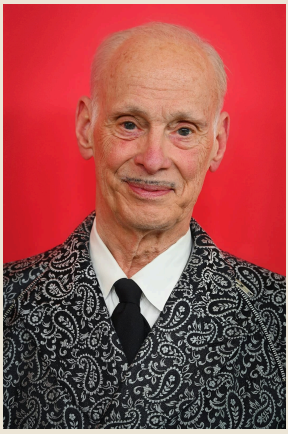
O estranho mundo de John Waters

De um filme de 12 mil dólares rodado ao lado de um trailer em Maryland até um musical da Broadway, John Waters construiu um cinema em que as pessoas que todo mundo ignorava são as estrelas. Sobre Divine, os Dreamlanders, Pink Flamingos...

04.

POR PABLO MURAD

29 DE OUTUBRO DE 2026



John Waters.

John Waters nasceu em Baltimore em 22 de abril de 1946 e fez 80 anos neste ano morando quase sempre na mesma cidade onde ambientou todos os seus filmes. Cresceu em Lutherville, um subúrbio tranquilo, e um dos meninos da vizinhança era Glenn Milstead. O mundo ia conhecê-lo depois como Divine. Os dois rodaram os primeiros filmes na casa da família Waters e batizaram o gramado da frente de Dreamland Lot, que até hoje é um dos melhores nomes que alguém já deu a um estúdio de cinema.

UMA FAMÍLIA QUE NINGUÉM MAIS TERIA ESCALADO

Waters nunca foi procurar atores em Hollywood. Ele os achou em Baltimore. Adolescente, vivia em volta do Martick's, um bar beatnik no centro, novo demais para entrar, bebendo no beco o que os frequentadores mais velhos passavam para ele. Foi ali que ele e Divine conheceram muita gente que acabaria nos seus filmes. Edith Massey trabalhava no balcão do Pete's Hotel quando ele a conheceu. Junto com Divine, Mink Stole, Cookie Mueller, David Lochary e Mary Vivian Pearce, eles viraram os Dreamlanders.

É daí que vem a força do cinema dele. Os marginais de um filme de John Waters nunca estão lá para dar pena, e ninguém usa essas pessoas para ensinar à plateia uma lição sobre tolerância. Elas são as estrelas. Ficam com as melhores falas, as roupas mais escandalosas e a última palavra, enquanto as pessoas "normais" em volta, as famílias de subúrbio, os policiais, os esnobes, acabam parecendo as verdadeiras aberrações. Uma drag queen de Lutherville virou o maior nome do cinema underground. Uma moça de

balcão de bar virou atriz de cinema. Inclusão, em Waters, é pegar a margem e colocar no centro do quadro sem pedir licença a ninguém.

Ele fez isso fora da tela também. Nos anos 1980, deu aulas de literatura para presos da Patuxent Institution, uma penitenciária de Maryland. Quando prometeu 372 obras da sua coleção ao Baltimore Museum of Art, o museu deu o nome dele à rotunda, e ele fez questão de que também batizassem com seu nome um banheiro para todos os gêneros. Hoje os dois levam o nome dele.

A PESSOA MAIS IMUNDA DO MUNDO

Pink Flamingos (1972) custou 12 mil dólares. Divine faz Babs Johnson, que mora num trailer nos arredores de Phoenix, Maryland, ao lado de uma bola espelhada de jardim e de uma fileira de flamingos cor-de-rosa de plástico, e tem orgulho de ser conhecida como a pessoa mais imunda do mundo. Raymond e Connie Marble, vividos por David Lochary e Mink Stole, comandam um esquema de venda de bebês no mercado negro e querem o título para eles. Edith Massey faz Edie, a mãe de Babs, uma mulher cujo grande amor na vida são os ovos. A guerra entre as duas casas vai até onde você consegue imaginar, e depois passa. O famoso plano final, aquele do cachorrinho na calçada, foi de verdade, e Divine contou que seguiu o cachorro por horas esperando.

O filme foi proibido na Suíça, na Austrália, na Noruega, em partes do Canadá e, maravilhosamente, em Hicksville, Nova York. Em 2024, a Nova Zelândia ainda se recusou a classificá-lo. Enquanto isso, ficou 95 semanas



Divine como Babs Johnson em Pink Flamingos (1972).



Divine, num retrato publicado na revista Streetsound.

em cartaz nas sessões da meia-noite de Nova York e dez anos em Los Angeles, com a plateia recitando os diálogos junto com a tela anos antes de *The Rocky Horror Picture Show* transformar isso em ritual. Em 2021, a Biblioteca do Congresso incluiu o filme no National Film Registry.

Ele nunca fingiu que a crítica gostava dele. Waters já disse que construiu a carreira em cima de críticas ruins e que costumava colocá-las nos anúncios.

LIXO COM OLHO DE COLECIONADOR

Pink Flamingos, *Female Trouble* (1974) e *Desperate Living* (1977) formam o que ele chama de Trilogia do Lixo. Quem só conhece o escândalo não percebe o cuidado com que esses filmes são feitos. Waters gosta de cinema de arte e de filme de exploração barato com o mesmo apetite, e uma vez resumiu tudo numa frase só: para entender o mau gosto, é preciso ter muito bom gosto. Os diálogos são exagerados de propósito, os personagens berram o que sentem e nada no quadro está ali por acaso.

Depois ele mirou no subúrbio. Em *Polyester* (1981), Divine faz Francine Fishpaw, uma dona de casa cuja vida está desmoronando, ao lado do ex-galã adolescente Tab Hunter. O filme vinha com o Odorama: o público recebia um cartão de raspar e cheirar com círculos numerados, e quando um número aparecia na tela todo mundo raspava e sentia o mesmo cheiro que Francine. Era a homenagem dele a William Castle e às suas engenhocas de cinema. Como se trata de um filme de John Waters, nem todo círculo cheirava a flor.



■ *O cartaz de Polyester (1981), filmado em Odorama.*

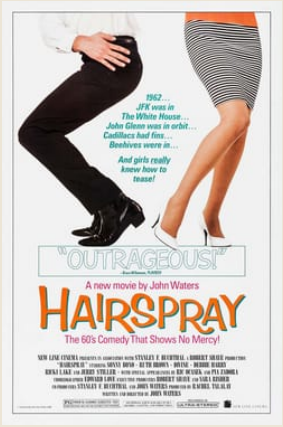


■ *O cartão do Odorama, na versão distribuída na Alemanha.*

HAIRSPRAY, A ARMADILHA MAIS DOCE

Em 1988, Waters fez um filme para a família inteira, com classificação PG. *Hairspray* se passa em Baltimore em 1962. Tracy Turnblad, uma adolescente gorda vivida por Ricki Lake no seu primeiro filme, quer dançar no *The Corny Collins Show*, o programa de dança da TV local. Ela consegue, vira estrela e usa a fama para lutar pela integração racial do programa. Divine faz dois papéis: Edna, a mãe de Tracy, e Arvin Hodgepile, o gerente racista da emissora.

O homem que filmou a cena do cachorro fez um filme de família cuja heroína é uma menina gorda lutando contra a segregação, e as famílias levaram os filhos para ver. É o mesmo mundo de Waters, com os mesmos



■ *Hairspray (1988).*

marginais vencendo, só que agora vestidos de cor de chiclete. Divine morreu em 7 de março de 1988, três semanas depois da estreia. *Hairspray* virou um musical da Broadway que arrasou no Tony de 2003 e depois virou filme de novo em 2007. O menino do Dreamland Lot chegou à Broadway sem nunca mudar de assunto.

AINDA NA MARGEM

Depois de *Hairspray* vieram *Cry-Baby* (1990), *Serial Mom* (1994), *Pecker* (1998) e *Cecil B. Demented* (2000). *A Dirty Shame* (2004), classificado como NC-17, voltou às provocações dos anos 1970, foi um fracasso de bilheteria e continua sendo o último longa dele. Isso foi há 22 anos. Em 2022 ele publicou um romance, *Liarmouth*, e anunciou que ele mesmo faria a adaptação. O acordo não deu certo, e em abril deste ano ele disse que ainda quer fazer o filme com Aubrey Plaza, mas que ninguém dá o dinheiro.

Ou seja: a indústria que transformou *Hairspray* numa fortuna na Broadway não financia mais um filme de John Waters. De certa forma, é a coisa mais John Waters que poderia acontecer. A margem nunca foi uma fase para ele. É o lugar que ele escolheu para viver, e ele continua chamando todo mundo para entrar.

Ele também sabe exatamente o que o separa dos imitadores. Waters já reclamou que chamam filmes de "estilo John Waters" só porque tem uma drag queen no elenco, coisa que deixou de ser tabu faz tempo, e que ser nojento sem ser engraçado é fácil. Os filmes dele são imundos e absurdos, e adoram cada aberração que colocam na tela.

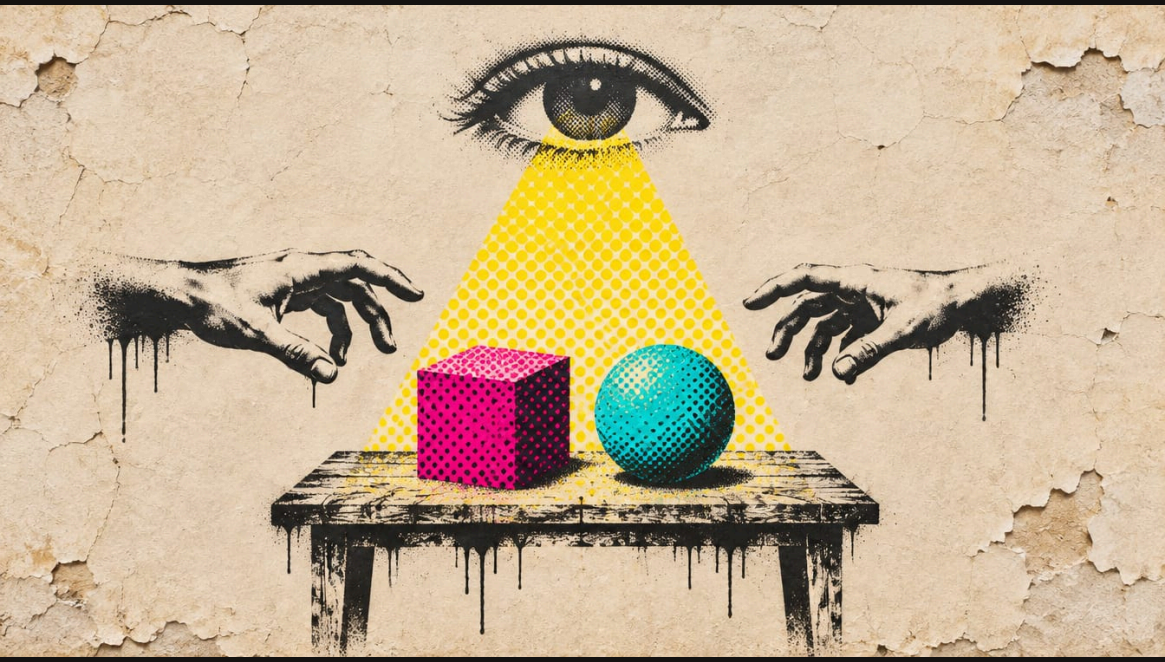
Aos 80 anos, ele está em turnê com um espetáculo falado chamado *Going to Extremes*, que é o título mais preciso que alguém poderia dar à vida dele. ■



Coroação no estacionamento de trailers

À maneira de Hieronymus Bosch

CINEMA · PARA "O ESTRANHO MUNDO DE JOHN WATERS"



GEOMETRIA · ENSAIO

Nº 01 / 05

O cubo, a esfera e os olhos que precisaram aprender

Em 1688, William Molyneux perguntou a John Locke se um homem cego de nascença, ao ganhar a visão, saberia distinguir um cubo de uma esfera só olhando. Filósofos discutiram isso por três séculos. Em 2011, os médicos finalmente tiveram a…

05

POR PABLO MURAD

2 DE NOVEMBRO DE 2026

Em 7 de julho de 1688, em Dublin, William Molyneux sentou e escreveu uma carta para John Locke com uma pergunta dentro. Imagine um homem que nasceu cego e aprendeu a distinguir um cubo de uma esfera pelo tato. Agora suponha que ele de repente passe a enxergar. Olhando os dois objetos sobre uma mesa, antes de tocá-los, ele saberia dizer qual é qual?

Molyneux tinha um motivo pessoal para pensar na cegueira. A esposa dele havia perdido a visão no primeiro ano de casamento. Ele também era um homem da óptica e um admirador devoto de Locke. Locke nunca respondeu aquela primeira carta. Molyneux tentou de novo em 1693, e dessa vez Locke adorou a ideia e respondeu que o problema merecia ser apresentado ao mundo. Ele entrou na segunda edição do *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, em 1694, junto com a resposta do próprio Molyneux, que era uma palavra só: "Não."

ONDE MORA UMA FORMA?

A pergunta soa como curiosidade, mas vai direto à raiz da geometria. Um cubo sob os dedos é arestas, cantos e faces planas. Um cubo diante dos olhos é luz, sombra e linhas que se encontram em ângulos. São o mesmo



William Molyneux, retratado em 1692.

cubo? Existe uma ideia única de "cubo" acima dos dois sentidos, ou duas coisas diferentes que a gente aprende devagar a ligar?

Os empiristas diziam que eram duas. Locke concordou com Molyneux, e em 1709 George Berkeley foi mais longe, defendendo que visão e tato não têm nada necessariamente em comum e que só a experiência os amarra. Leibniz discordou. Para ele, forma e extensão pertencem aos dois sentidos, então uma pessoa que pensa conseguiria raciocinar de um para o outro. Thomas Reid ficou no meio: formas planas como um quadrado ou um círculo, talvez, mas sólidos só se o homem fosse por acaso uma espécie de geômetra cego capaz de deduzi-los.

A pergunta também é mais velha que a carta. No século XII, o filósofo andaluz Ibn Tufail escreveu um romance, *Hayy ibn Yaqdhan*, em que um cego que conhecia as cores só por descrições as reconhece assim que passa a enxergar, o oposto da resposta de Locke.

ESPERANDO UM PACIENTE

Por muito tempo ninguém conseguiu testar nada disso. Em 1728, o cirurgião inglês William Cheselden publicou o caso de um menino cego de nascença que teve a catarata removida. No começo, o menino não distinguia um objeto do outro pela forma, o que parecia encerrar a questão. Filósofos franceses como Diderot e La Mettrie não se convenceram. Talvez os olhos do menino ainda não tivessem cicatrizado, talvez as perguntas fossem tendenciosas, e talvez catarata nunca tivesse significado cegueira total.

Casos limpos continuaram raríssimos. Uma estimativa conta menos de vinte casos conhecidos, em mil anos, de visão recuperada depois de uma longa cegueira de nascença.

A RESPOSTA, TRÊS SÉCULOS DEPOIS

A resposta veio do Projeto Prakash, um programa liderado pelo neurocientista Pawan Sinha, do MIT, que trata crianças com cegueira curável. A equipe dele encontrou cinco pacientes, de 8 a 17 anos, que antes da cirurgia só distinguiam claro de escuro. Eles foram operados entre 2007 e 2010, e cada um foi testado em até 48 horas.

Quando as crianças viam uma forma e precisavam escolher a mesma forma pela visão, iam quase tão bem quanto só com o tato. Quando tocavam uma forma e depois precisavam achá-la pela visão, iam pouco melhor que no chute. Molyneux e Locke estavam certos. A resposta era não.

A história não acaba aí, porém. Três das crianças foram testadas de novo depois de cinco dias, sete dias e cinco meses, e o acerto entre tato e visão tinha subido para algo entre 80 e 90 por cento. A ponte entre os sentidos não está pronta no primeiro dia, mas é construída muito rápido quando os olhos começam a funcionar.

Então o cubo na mão e o cubo no olho começam como estranhos e viram o mesmo cubo em poucos dias. Uma pergunta despachada de Dublin em 1688 precisou de mais de trezentos anos para ter resposta, e a resposta acabou sendo “não, mas quase”. ■



O cubo e a esfera à luz de vela
À maneira de Joseph Wright of Derby

GEOMETRIA · PARA “O CUBO, A ESFERA E OS OLHOS QUE PRECISARAM APRENDER”



PHILOSOPHIA · ENSAIO

Nº 01 / 06

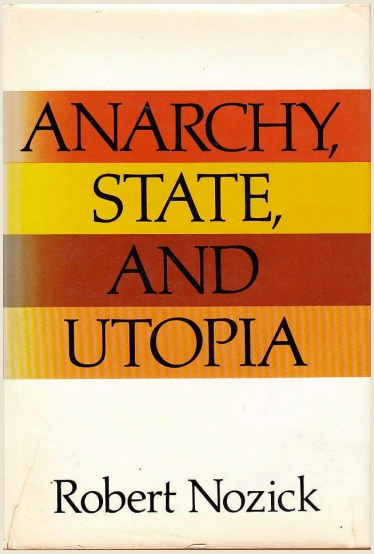
Você se ligaria na máquina?

Em 1974, Robert Nozick imaginou uma máquina que te dá a vida que você quiser enquanto você flutua num tanque. Quase todo mundo se recusa a entrar. Explicar por que é a parte difícil, e fica mais difícil a cada ano que passamos dentro de...

06

POR PABLO MURAD

5 DE NOVEMBRO DE 2026



A primeira edição de Anarchy, State, and Utopia, de 1974.

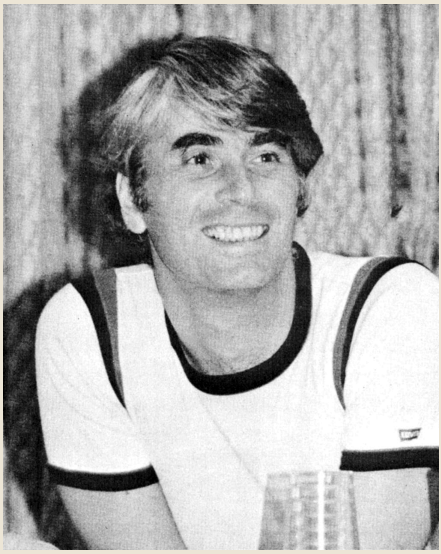
Em 1974, Robert Nozick enfiou uma maquininha estranha num livro sobre o Estado. *Anarquia, Estado e Utopia* é quase todo filosofia política, mas duas de suas páginas sobreviveram a quase tudo o que está em volta delas.

A máquina funciona assim. Uma equipe de neuropsicólogos, que Nozick chama alegremente de "superduper", estimula o seu cérebro para que você pense e sinta que está escrevendo um grande romance, fazendo um amigo ou lendo um livro interessante. Enquanto isso, o seu corpo flutua num tanque com eletrodos presos à cabeça. Você escolhe suas experiências numa biblioteca enorme e programa os próximos dois anos da sua vida. Quando os dois anos acabam, você ganha dez minutos ou dez horas fora do tanque para escolher o próximo lote. Lá dentro, você nunca sabe que está lá dentro. Tudo parece real.

Você se ligaria?

O NÃO RÁPIDO

A maioria das pessoas diz que não, rápido, e quase com nojo. Nozick contava com essa reação. O alvo dele era o hedonismo, a ideia de que o prazer é a única coisa que torna uma vida boa. Se só o prazer importasse, a máquina



Robert Nozick em 1977, três anos depois de Anarquia, Estado e Utopia.

seria a melhor oferta que alguém já recebeu. Ninguém quer, então alguma outra coisa deve importar.

Dizer o que é essa outra coisa acaba sendo a parte difícil. Nozick ofereceu três respostas. Queremos fazer as coisas de verdade, e não só ter a experiência de fazê-las. Queremos ser um certo tipo de pessoa, e alguém boiando num tanque não é ninguém em particular; Nozick chama essa pessoa de "uma bolha indeterminada" e chega a dizer que se ligar na máquina é uma espécie de suicídio. E a máquina nos tranca dentro de um mundo construído por gente, isolados de qualquer realidade mais profunda que possa existir lá fora.

As três razões parecem certas na primeira vez que você ouve. Ficam escorregadias quando você aperta. O que "fazer de verdade" acrescenta, se a sensação é idêntica? Quem notaria a diferença? Você é que não.

TALVEZ A GENTE SÓ ODEIE MUDANÇA

Em 2010, o filósofo Felipe De Brigard virou o experimento do avesso. Ele pediu a 72 universitários americanos que imaginassem que já estavam dentro da máquina e tinham acabado de receber a chance de se desconectar e voltar à vida real. Quando não sabiam nada sobre essa vida real, 54% escolheram sair. Quando ouviram que a vida real era numa prisão de

segurança máxima, só 13% saíram. Quando a vida real era a de um artista rico em Mônaco, cerca de metade quis sair, mais ou menos o mesmo que o grupo que não sabia nada.

Se as pessoas valorizassem a realidade por si mesma, a prisão não mudaria muito a resposta. Mudou completamente. De Brigard leu o famoso "não" como viés do status quo: a gente se agarra à vida que já tem, real ou não. Joshua Greene chegou a uma conclusão parecida com a sua própria versão da história, ambientada no ano de 2659, em que uma empresa interrompe o seu programa a cada dez anos para perguntar se você quer continuar.

Outros estudos turvam ainda mais a água. Quando os pesquisadores Hindriks e Douven trocaram o tanque por pílulas, só 29% dos participantes aceitaram a máquina clássica, mas 53% disseram que tomariam uma "Pílula da Experiência" e 89% uma "Pílula do Funcionamento". Mesma ideia, embalagem diferente, respostas muito diferentes.

NINGUÉM PRECISA MAIS DE TANQUE

O que mantém esse experimento mental vivo é que a máquina deixou de ser ficção científica de um jeito silencioso, em pedaços. Ela aparece como um feed que aprende exatamente o que te mantém rolando a tela, um filtro que conserta o seu rosto antes que alguém veja e um par de óculos que te coloca numa praia enquanto o seu corpo fica no sofá. Nenhum deles é a máquina de Nozick. Cada um vende uma fatia da mesma promessa: a experiência, sem o mundo junto.

O cinema viu isso chegando. Em *Matrix*, o traidor Cypher sabe que o bife na boca dele não é real e decide que não se importa. Ele quer voltar. A plateia devia desprezá-lo, e a maioria desprezou. A pergunta interessante é quantos de nós vivem uma versão pequena e diária da escolha dele sem nunca chamar isso de escolha.

Então talvez o jeito honesto de fazer a pergunta de Nozick hoje seja um pouco diferente. Esqueça o tanque. Quantas horas por dia você já passa ligado, e você notaria se esse número continuasse crescendo? ■



O adormecido no vidro

À maneira de Henry Fuseli

PHILOSOPHIA · PARA “VOCÊ SE LIGARIA NA MÁQUINA?”



RHETORICA · ENSAIO

Nº 01 / 07

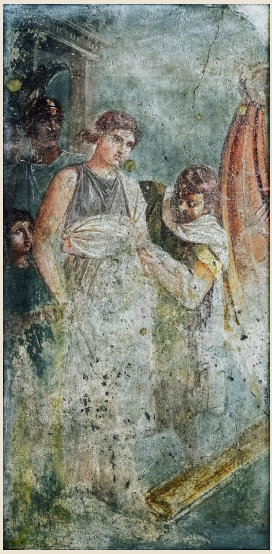
Górgias defende Helena, só por diversão

Toda a Grécia culpava Helena pela Guerra de Troia. Górgias escreveu um discurso para provar que ela era inocente, defendeu que as palavras agem na alma como as drogas no corpo e, na última linha, admitiu que fez tudo aquilo por diversão.

07

POR PABLO MURAD

9 DE NOVEMBRO DE 2026



Helena embarca para Troia. Afresco da Casa do Poeta Trágico, em Pompeia.

Todo grego sabia quem culpar pela Guerra de Troia. Helena deixou o marido em Esparta, navegou para Troia com Páris, e dez anos de guerra atravessaram o mar atrás dela. Os poetas repetiam esse veredito havia séculos. Então Górgias resolveu defender o contrário.

Górgias nasceu por volta de 483 a.C. em Leontinos, na Sicília. Por volta de 427 a.C., com uns sessenta anos, sua cidade o mandou a Atenas à frente de uma embaixada que pedia proteção contra Siracusa. Ele ficou na Grécia continental, ensinou retórica, apresentou discursos nos grandes festivais e entrou para a história como o pai da sofística.

QUATRO PORTAS, TODAS FECHADAS

O *Elogio de Helena* é curto e foi montado como uma armadilha. Helena foi para Troia, diz ele, por um de quatro motivos: os deuses quiseram, ela foi levada à força, foi persuadida por palavras ou foi dominada pelo amor. Depois ele passa por cada porta e fecha todas atrás de si.

Se os deuses quiseram, culpe os deuses, porque nenhum ser humano pode contra eles. Se ela foi levada à força, a culpa é do homem que a levou. Se foi o amor, isso foi uma desgraça, não um crime. Sobram as palavras, e é nas palavras que Górgias desacelera e toma o seu tempo.

A GRANDE SOBERANA

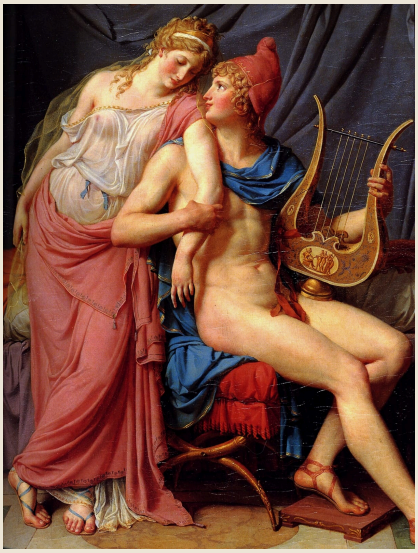
A palavra, diz ele, é uma grande soberana. Seu corpo é minúsculo, quase invisível, e mesmo assim ela faz obras divinas: consegue acabar com o medo, tirar a dor, criar alegria e fazer a compaixão crescer. Então vem a comparação que segura o discurso inteiro. As palavras agem sobre a alma do jeito que as drogas agem sobre o corpo. Drogas diferentes tiram humores diferentes do corpo, e palavras diferentes tiram sentimentos diferentes da alma.

Se isso é verdade, quem foi persuadido não tem toda a culpa pelo que fez, assim como um envenenado não tem culpa de estar doente. Helena foi convencida. Caso encerrado.

A ÚLTIMA LINHA

Aí, na última frase, Górgias diz que quis escrever o discurso como um elogio de Helena e como um brinquedo seu. A palavra grega é *paignion*: um jogo, um brinquedo, uma diversão.

Essa única palavra volta no tempo e muda tudo o que veio antes. Você acabou de passar várias páginas sendo persuadido de que a persuasão desculpa qualquer coisa, e o persuasor se vira para contar que estava brincando. Se o argumento dele funciona, acabou de funcionar em você. Lido



Os Amores de Páris e Helena, de Jacques-Louis David (1788).

de forma estreita, o discurso defende uma mulher. Levado a sério, sugere que ninguém é responsável por nada, porque as palavras de alguém sempre chegaram antes. Górgias nunca diz qual leitura queria. Ele simplesmente para de falar.

POR QUE O JOGO AINDA IMPORTA

Platão antipatizava com ele o bastante para dar o nome dele a um diálogo inteiro e usá-lo para atacar tudo o que Górgias defendia. Aristóteles também o criticou. Só no século XIX os estudiosos voltaram a levar Górgias a sério, e a maioria deles já não o chama de niilista.

O discurso envelheceu bem demais, de um jeito até suspeito. Todo anúncio, toda campanha e toda thread viral funcionam pelo princípio que Górgias colocou na mesa há quase 2.500 anos: as palavras agem sobre as pessoas como substâncias químicas. O que torna o *Elogio* incomum é que ele mostra esse poder funcionando e o confessa no mesmo fôlego, e depois deixa você decidir quanto de si mesmo acabou de entregar.

Helena, pelo menos, conseguiu um advogado excelente. ■



O brinquedo de Leontinos
À maneira de Jacques-Louis David

RHETORICA · PARA "GÓRGIAS DEFENDE HELENA, SÓ POR DIVERSÃO"



Está chovendo, mas eu não acredito

"Está chovendo, mas eu não acredito que está chovendo." As duas metades podem ser verdadeiras ao mesmo tempo, e mesmo assim ninguém consegue dizer essa frase a sério. Um passeio curto pelo paradoxo de Moore, a frasezinha mais estranha da...

08

POR PABLO MURAD

12 DE NOVEMBRO DE 2026

Tente dizer isso em voz alta, e com sinceridade: "Está chovendo, mas eu não acredito que está chovendo."

Não dá. Você até mexe a boca, claro, mas quem estiver ouvindo vai achar que é piada, confusão ou ensaio de teatro. E, no entanto, nada nessa frase é impossível. A chuva não me consulta antes de cair. Pode estar caindo um toró lá fora enquanto eu estou numa sala sem janela, certo de que a tarde está seca. As duas metades da frase podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. A frase só não pode ser dita.

Esse é o paradoxo de Moore, batizado em homenagem ao filósofo inglês G. E. Moore, o primeiro a perceber como ela é esquisita. O nome veio de Ludwig Wittgenstein, que escreveu sobre isso várias vezes e achava que era a contribuição mais importante de Moore para a filosofia. É um elogio e tanto para uma frase sobre o tempo.

TROQUE UMA PALAVRA E TUDO SE RESOLVE

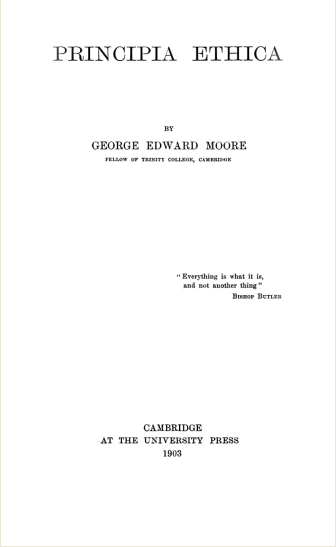
O absurdo é surpreendentemente frágil. Jogue a frase para o passado e ela fica comum: "Estava chovendo, e eu não acreditei." É só a história de alguém que errou. Passe a frase para outra pessoa e ela também fica comum: "Está chovendo, mas o meu vizinho não acredita." Perfeitamente normal, até útil se o vizinho estiver prestes a pendurar a roupa no varal. Só uma combinação quebra, o presente na primeira pessoa.

Existe uma segunda versão, um pouco mais maldosa que a primeira: "Está chovendo, mas eu acredito que não está chovendo." A primeira frase diz que me falta uma crença. Esta diz que eu tenho a crença oposta. Os filósofos chamam as duas de forma omissiva e forma comissiva, e as duas soam como uma máquina rangendo.

POR QUE ELA QUEBRA

A explicação mais aceita passa pelo que significa dizer alguma coisa. Quando eu te digo "está chovendo", não estou só descrevendo o céu. Estou dando a minha palavra e te entregando aquilo como algo em que eu acredito. A segunda metade da frase então retira a garantia que a primeira acabou de dar. É como assinar um cheque e escrever "sem valor" logo embaixo da assinatura.

Richard Moran oferece outra explicação, e ela é linda. Quando você se pergunta se acredita que está chovendo, você não olha para dentro, para as suas crenças. Você olha pela janela. A pergunta sobre a sua mente vira uma



PRINCIPIA ETHICA

BY

GEORGE EDWARD MOORE

FELLOW OF TRINITY COLLEGE, CAMBRIDGE

"Everything is what it is,
and not another thing"
BISHOP BUTLER

CAMBRIDGE
AT THE UNIVERSITY PRESS
1903

■ *O livro mais conhecido de Moore, Principia Ethica (1903).*

pergunta sobre o mundo, e Moran chama isso de transparência. Uma frase de Moore pede que você olhe pela janela e para dentro da própria cabeça ao mesmo tempo, e depois relate duas respostas diferentes.

UMA PEQUENA RACHADURA NO EU

Parece truque de festa, mas o paradoxo mostra algo real sobre ser uma pessoa. A gente consegue descrever a mente dos outros de fora, e o próprio passado a uma distância segura. No presente, sobre nós mesmos, não existe um lado de fora onde ficar. Dizer algo com sinceridade já é acreditar nisso.

Então, se estiver chovendo aí e você não acreditar, guarde isso para você. Ninguém vai acreditar em você também. ■



Guarda-chuva sob o céu limpo
À maneira de René Magritte

DIALECTICA · PARA "ESTÁ CHOVENDO, MAS EU NÃO ACREDITO"



MUSICA · ENSAIO

Nº 01 / 09

Marilyn Manson, o monstro que os Estados Unidos encomendaram

De um menino de escola cristã em Ohio ao homem que os Estados Unidos culparam por Columbine, Marilyn Manson passou mais de trinta anos transformando o medo dos outros em espetáculo. A história dele, e o show de 4 de setembro de 2027 no The...

09

POR PABLO MURAD

16 DE NOVEMBRO DE 2026

Em 28 de setembro de 2026, o The Town anunciou as duas primeiras atrações da edição de 2027: Slipknot e Marilyn Manson, os dois no Palco Skyline, em 4 de setembro de 2027, no Autódromo de Interlagos. Manson não toca no Brasil há mais de dez anos. Eu vou estar lá, e vai ser o segundo show dele que eu vejo.

Antes de chegar em Interlagos, vale contar como um menino de Ohio virou o homem mais temido da música americana.

CANTON, OHIO

Brian Hugh Warner nasceu em 5 de janeiro de 1969, em Canton, Ohio. Da primeira à décima série, estudou na Heritage Christian School, uma escola cristã, e terminou o ensino médio numa escola pública da cidade, a GlenOak, em 1987. Essa infância cercada de sermões, pecado e fim do mundo é a matéria-prima de quase tudo o que ele fez depois. Manson nunca precisou inventar o inferno. Ele tinha aprendido sobre ele na escola.

No fim dos anos 1980, a família se mudou para a Flórida. Em Fort Lauderdale, Brian entrou no curso de jornalismo da Broward Community College e começou a escrever para uma revista de música local, a *25th Parallel*. Entrevistando músicos, ele conheceu gente da cena, entre eles Trent Reznor, do Nine Inch Nails. Esse encontro ia mudar a vida dele poucos anos depois.

UMA ESTRELA E UM ASSASSINO

Em 1989, junto com o guitarrista Scott Putesky, ele formou Marilyn Manson & the Spooky Kids. A regra dos nomes era a melhor piada da banda:



Fort Lauderdale, na Flórida, onde nasceram os Spooky Kids.

cada integrante juntava uma estrela americana e um assassino americano. Marilyn Monroe e Charles Manson. Putesky virou Daisy Berkowitz, de Daisy Duke e David Berkowitz. Havia ainda Madonna Wayne Gacy e Gidget Gein. A ideia já dizia tudo o que ele ia repetir pelos trinta anos seguintes: os Estados Unidos idolatram as duas coisas, a beleza e o horror, e transformam as duas em celebridade.

Os shows na cena de Fort Lauderdale eram teatro barato e agressivo, com fantasias e provocação. A primeira demo saiu em 1990, e em 1992 o nome encolheu para Marilyn Manson. Um contrato com a Sony, assinado em 1991, foi desfeito antes de a banda gravar qualquer coisa. Quem apostou de verdade foi Trent Reznor, que em 1993 contratou o grupo para o seu selo, o Nothing Records, e produziu o disco de estreia.

O SUPERASTRO ANTICRISTO

Portrait of an American Family saiu em 1994. No ano seguinte, a versão de Manson para "Sweet Dreams (Are Made of This)", dos Eurythmics, entrou na MTV e deixou muita gente sem saber se ria ou se tinha medo. Era as duas coisas.

Então veio *Antichrist Superstar*, em 1996, que estreou em terceiro lugar na parada da Billboard. É um disco conceitual sobre um verme que vira um messias destruidor, cheio de guitarras industriais e de raiva bem afiada, com "The Beautiful People" e "Tourniquet". A turnê, a Dead to the World, teve 175 shows na Europa, no Japão, na Oceania e nas Américas, e Manson



Portrait of an American Family (1994), a estreia pelo selo de Trent Reznor.



O raio, símbolo da era Antichrist Superstar.

subia num púlpito como um líder de comício, com a plateia de punhos erguidos. Era uma paródia de fascismo, de igreja e de programa de auditório ao mesmo tempo. Os pais americanos levaram tudo ao pé da letra, e grupos religiosos protestavam na porta dos shows.

Essa turnê foi a primeira vez dele no Brasil: em 8 de setembro de 1997, Manson tocou no Olympia, em São Paulo.

O ALIENÍGENA GLAM

Depois de chegar ao topo como monstro, ele trocou de pele. *Mechanical Animals* (1998) foi buscar o glam rock dos anos 1970, e Manson apareceu como um alienígena andrógino, claramente inspirado em David Bowie. Parte dos fãs antigos gritou que ele tinha se vendido. O disco estreou em primeiro lugar na Billboard, e "The Dope Show" foi indicada ao Grammy de melhor performance de hard rock. Poucos artistas mudam tanto de um disco para o outro e continuam reconhecíveis. Manson sempre foi um deles.

COLUMBINE

Em 20 de abril de 1999, dois estudantes mataram doze colegas e um professor na Columbine High School, no Colorado. Em poucos dias, boa parte da imprensa e da política americana tinha um culpado: Marilyn Manson. Pelo que se apurou depois, os atiradores preferiam outras bandas, como KMFDM e Rammstein. Não fez diferença. Senadores atacaram o grupo, e algumas assembleias estaduais chegaram a proibir a banda de tocar em locais públicos dos seus estados, leis que depois foram revogadas.

Manson respondeu com um ensaio na *Rolling Stone*, "Columbine: Whose Fault Is It?", em que apontava a cultura das armas nos Estados Unidos e chamava a cobertura da imprensa de caça às bruxas. Três anos depois, apareceu em *Tiros em Columbine*, o documentário de Michael Moore. Quando Moore perguntou o que ele diria aos estudantes de Columbine, Manson respondeu que não diria nada: ia ouvir o que eles tinham a dizer, porque foi isso que ninguém fez. É uma das respostas mais lúcidas que alguém deu sobre aquela tragédia, e veio justamente do homem que o país tinha escolhido como bode expiatório.

A resposta em música veio em 2000, com *Holy Wood (In the Shadow of the Valley of Death)*, um retorno ao metal industrial que fala de armas, fama, religião e de como os Estados Unidos transformam a morte em entretenimento. A crítica elogiou, e o disco ganhou certificado de ouro nos Estados



O memorial de Columbine, no Clement Park, em Littleton.

Unidos. Junto com *Antichrist Superstar* e *Mechanical Animals*, ele fecha a trilogia que muitos fãs consideram o auge da banda.

O PINTOR

Manson nunca coube só na música. Ele conta que começou a pintar aquarelas em 1999, e sua primeira exposição, *The Golden Age of Grotesque*, abriu em setembro de 2002 no Los Angeles Contemporary Exhibitions. Ele batizou o próprio movimento artístico de Celebritarian Corporation e, anos depois, expôs em Viena *Genealogies of Pain*, feita com David Lynch. Foi Lynch, aliás, quem lhe deu o primeiro papel no cinema, em *A Estrada Perdida* (1997). Mais tarde vieram participações em *Californication*, *Sons of Anarchy*, *Salem* e *The New Pope*, da HBO.

The Golden Age of Grotesque também virou disco, em 2003, inspirado na Berlim decadente dos anos 1930, e foi a segunda vez que ele estreou em primeiro lugar na Billboard. Na mesma época, Manson vivia com a dançarina burlesca Dita Von Teese, com quem se casou. Ela pediu o divórcio em dezembro de 2006.

Em setembro de 2007, ele voltou ao Brasil com a turnê de *Eat Me, Drink Me*. Tocou na Fundição Progresso, no Rio, em 25 de setembro, e na Via Funchal, em São Paulo, no dia seguinte. Trouxe também as aquarelas, que ficaram expostas numa galeria de São Paulo.



A Fundição Progresso, na Lapa, onde Manson tocou em 25 de setembro de 2007.

A LONGA ESTRADA

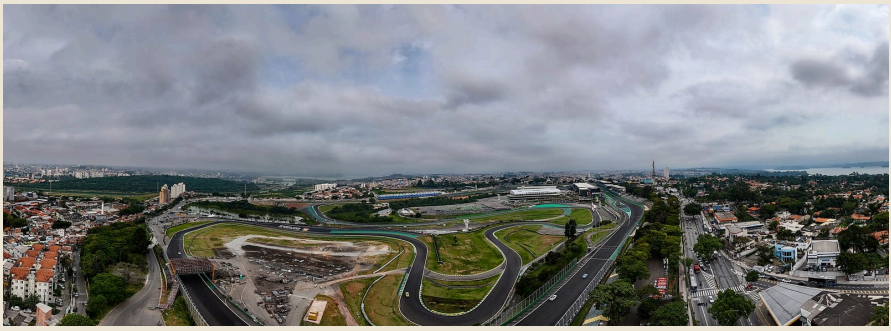
Os anos seguintes foram de altos e baixos: *The High End of Low* (2009), *Born Villain* (2012) e, em 2015, *The Pale Emperor*, um disco de blues sujo e pantanoso feito com o guitarrista e compositor de trilhas Tyler Bates, que muita gente recebeu como o melhor dele em muito tempo. Depois vieram *Heaven Upside Down* (2017) e *We Are Chaos* (2020), o décimo disco da banda a entrar no top 10 da Billboard.

No meio disso, a terceira visita ao Brasil: em 7 de setembro de 2016, Manson tocou no Maximus Festival, em Interlagos, no mesmo dia que o Rammstein. A banda que, segundo o que se apurou, os atiradores de Columbine ouviam de verdade e o homem que levou a culpa por eles, dividindo o mesmo autódromo em São Paulo.

Ao longo da carreira, Manson acumulou dois discos em primeiro lugar nos Estados Unidos, dez no top 10 e indicações ao Grammy. As estimativas falam em mais de 50 milhões de discos vendidos no mundo.

2021

Em 1º de fevereiro de 2021, a atriz Evan Rachel Wood, ex-noiva de Manson, acusou-o publicamente de abuso. Outras pessoas fizeram acusações nos



O Autódromo de Interlagos visto do alto.

meses seguintes. A gravadora Loma Vista, a agência CAA e o empresário dele romperam com o cantor. Manson negou tudo.

Na Justiça, os caminhos foram vários. Parte dos processos civis terminou em acordo, parte foi arquivada, e alguns ainda tramitam. Uma das mulheres que o processaram voltou atrás e disse ter sido pressionada a acusá-lo. Manson processou Wood por difamação e desistiu da ação em novembro de 2024. Em janeiro de 2025, depois de uma investigação de quatro anos, a promotoria do condado de Los Angeles anunciou que não apresentaria denúncia criminal: segundo o promotor, as acusações de violência doméstica tinham prescrito e não havia provas suficientes para levar adiante as de agressão sexual.

O anúncio do The Town reacendeu essa discussão no Brasil, e muitos fãs criticaram a escolha. A organização do festival respondeu que não contrataria um artista condenado e que Manson não foi condenado por nada.

O ASSASSINATO SOB DEUS

A volta começou em novembro de 2024, com *One Assassination Under God - Chapter 1*, lançado pela Nuclear Blast e feito de novo com Tyler Bates. Os singles “As Sick as the Secrets Within”, “Raise the Red Flag” e “Sacrilegious” levaram Manson de volta à estrada, e ele passou 2025 e 2026 em turnê pelos Estados Unidos e pela Europa. Em 14 de agosto de 2026 saiu *Chapter 2*, a segunda metade da história, poucos dias antes da Freaks on Parade, a turnê que ele dividiu com Rob Zombie na América do Norte.



O Palco Skyline, no Autódromo de Interlagos, na primeira edição do The Town, em 2023.



O Palco Skyline na arte oficial do The Town 2025.

INTERLAGOS, 2027

O The Town 2027 vai ocupar o Autódromo de Interlagos em cinco dias: 4, 5, 6, 11 e 12 de setembro. O primeiro é inteiro de rock e metal. O Slipknot fecha a noite no Palco Skyline com a (sic)est Stadium Tour, a nova turnê mundial da banda, e o The Town vai ser o único festival dessa turnê. Manson toca antes, no mesmo palco. Ele também abre o show do Slipknot no estádio de Wembley, em Londres, em 3 de julho de 2027, e em outras datas da turnê na América do Sul.

O Skyline é o palco principal do festival, e a cenografia dele imita os prédios de São Paulo. Até agora, o festival não divulgou o preço dos ingressos nem a data de início das vendas.

Vai ser a quarta passagem de Manson pelo Brasil e a segunda dele em Interlagos, onze anos depois do Maximus. Para mim, vai ser o segundo show. Trinta e oito anos depois dos Spooky Kids, o menino da escola cristã de Canton ainda sobe no palco para mostrar aos Estados Unidos o monstro que eles mesmos encomendaram. ■



O sermão do reverendo
À maneira de Gustave Doré

MÚSICA · PARA “MARILYN MANSON, O MONSTRO QUE OS ESTADOS UNIDOS ENCOMENDARAM”



TECHNE · ENSAIO

Nº 01 / 10

k-punk, o blog que viu o futuro ser cancelado

Em 2003, um professor de filosofia deprimido abriu um blog de fundo preto e letra Courier. Chamou de k-punk. Dali saíram o realismo capitalista, a assombrologia e uma das leituras mais lúcidas sobre cultura, internet e depressão do século...

10

POR PABLO MURAD

16 DE NOVEMBRO DE 2026

Em 2003, um professor de filosofia inglês, recém-saído de um doutorado que tinha sido uma experiência traumática e passando por uma depressão forte, abriu um blog para voltar a escrever. O fundo era preto, a letra era Courier branca, e o nome era k-punk. O autor se chamava Mark Fisher.

O crítico de música Simon Reynolds descreveu o k-punk como uma revista de um homem só, melhor do que a maioria das revistas da Inglaterra. O *Guardian* chamou os textos de leitura obrigatória para uma geração. Num lugar onde ninguém pedia nota de rodapé nem prazo de edital, Fisher escrevia sobre Joy Division, Batman, ficção científica, escola pública e Margaret Thatcher como se tudo fizesse parte da mesma conversa. E fazia.

ANTES DO BLOG

Fisher nasceu em 11 de julho de 1968, em Leicester, e cresceu em Loughborough, filho de um técnico de engenharia e de uma faxineira. Estudou inglês e filosofia na Universidade de Hull e fez o doutorado em Warwick, onde participou da fundação da Cybernetic Culture Research Unit, a Ccru. O grupo misturava filosofia, cibernética, jungle e ficção científica, e escrevia uma coisa que os próprios integrantes chamavam de teoria-ficção. A tese de Fisher, defendida em 1999, se chamava *Flatline Constructs: Gothic*



O k-punk como ainda está no ar, com o último post, de março de 2013.



O campus da Universidade de Warwick, onde nasceu a Ccru.

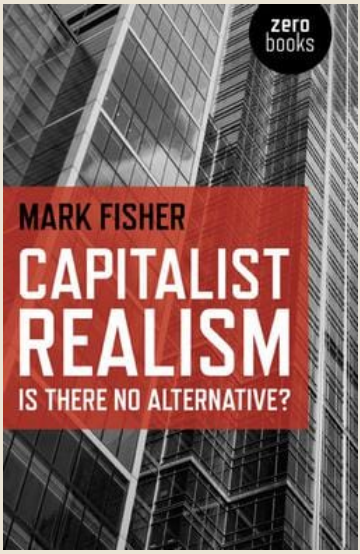
Materialism and Cybernetic Theory-Fiction. O título já mostrava o caminho: tecnologia, horror e cultura pop lidos com a seriedade da filosofia.

Depois do doutorado, ele foi dar aula de filosofia num *further education college*, o equivalente inglês a um curso técnico para jovens de 16 a 18 anos. Essa sala de aula ia virar o laboratório do livro que o tornou conhecido.

A BLOGOSFERA

O k-punk nasceu no auge dos blogs. No começo dos anos 2000, uma constelação de blogs ingleses discutia música, cinema, política e teoria crítica ao mesmo tempo, escritos por jornalistas, acadêmicos e gente sem título nenhum. Um post respondia ao outro, a lista de links na lateral dizia quem lia quem, e as brigas nos comentários eram parte da graça. Entre os leitores de Fisher estavam músicos experimentais como Kode9.

Era um meio que deixava o pensamento sair cru, rápido e em público, antes de virar livro. Quase tudo o que Fisher publicou depois passou primeiro pelo k-punk.



A primeira edição de Capitalist Realism, pela Zer0 Books, em 2009.

REALISMO CAPITALISTA

Em 2009, Fisher lançou pela Zer0 Books, editora que ajudou a criar, um livro curto chamado *Capitalist Realism: Is There No Alternative?*. A ideia central vem de uma frase que ele atribui a Fredric Jameson e Slavoj Žižek: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. O realismo capitalista, para Fisher, é essa atmosfera em que o capitalismo deixou de parecer um sistema entre outros e passou a parecer a própria realidade. Dela sai o que ele chamou de ontologia empresarial, a crença de que tudo, da escola ao hospital, deve funcionar como uma empresa.

As partes mais fortes do livro vêm da sala de aula. Fisher descreve alunos que sabem que as coisas vão mal e sabem também que não podem fazer nada, e que por isso não fazem nada. Ele chamou isso de impotência reflexiva. Descreve também a hedonia depressiva: a incapacidade de fazer qualquer coisa que não seja buscar prazer, com o fone no ouvido e o celular na mão, sempre conectado e sempre entediado. Para Fisher, a depressão não era só um problema químico ou individual. Era também um sintoma político, e tratá-la só com remédio e terapia era uma forma de esconder de onde ela vinha.

O livro virou um fenômeno. Em 2023, já tinha passado de 100 mil exemplares vendidos só em inglês. No Brasil, saiu em 2020 pela Autonomia

Literária, como *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*.

O LENTO CANCELAMENTO DO FUTURO

Em 2014 veio *Ghosts of My Life*, publicado no Brasil como *Fantasmas da minha vida: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos*. O livro parte de uma expressão do italiano Franco "Bifo" Berardi, o lento cancelamento do futuro. Fisher percebia que a cultura do século XXI parou de produzir o novo. A música, os filmes e a moda reciclavam o passado sem parar, e o futuro que o modernismo popular dos anos 1960 e 1970 prometia nunca chegou.

Para falar disso, ele e Simon Reynolds pegaram emprestado um termo de Jacques Derrida, *hauntologie*, que em português virou assombrologia. A palavra servia para descrever uma música de meados dos anos 2000 feita de chiado de vinil, fita gasta e lembranças de uma época que não volta: Burial, o selo Ghost Box, The Caretaker. Essa arte, segundo Fisher, não era nostalgia barata. Era a recusa de desistir do desejo de futuro, uma saudade de um futuro que nunca veio.



O conjunto habitacional Heygate, no sul de Londres, visto do alto.

O CASTELO DOS VAMPIROS

A internet que Fisher ajudou a construir mudou no meio do caminho. Os blogs perderam espaço para as redes sociais, e em 2013 ele publicou um ensaio que até hoje divide leitores, “Exiting the Vampire Castle”. O alvo era a cultura de denúncia que tinha tomado conta da esquerda nas redes: cada questão política virava uma caça ao comportamento de indivíduos, a solidariedade ficava impossível, e a culpa e o medo estavam em toda parte. Para Fisher, o problema político só se resolvia com ação coletiva, e não com tribunais montados no Twitter.

Muitos dos blogs daquela época foram apagados. O k-punk continua no ar.

O ESTRANHO, O ESQUISITO E O COMUNISMO ÁCIDO

Em 2014, Fisher e a equipe original da Zer0 deixaram a editora e fundaram a Repeater Books. Ele dava aula no departamento de culturas visuais da Goldsmiths, em Londres, e preparava dois projetos. O primeiro, *The Weird and the Eerie*, sobre o estranho e o esquisito na ficção e no cinema, saiu pela Repeater pouco depois da morte dele. O segundo nunca foi terminado: um livro chamado *Acid Communism*, sobre desejo pós-capitalista, de que ficaram só a introdução e as aulas.



A Goldsmiths, em New Cross, Londres, onde Fisher dava aula.

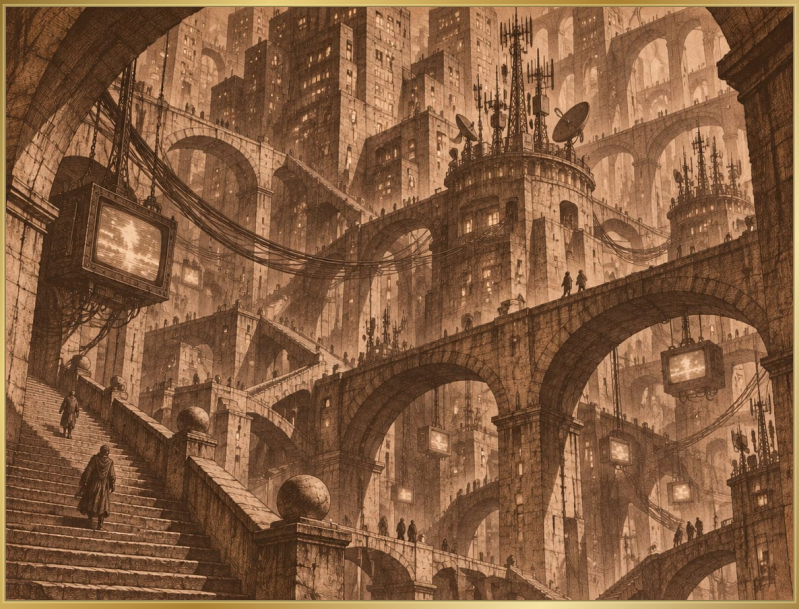
Mark Fisher morreu em 13 de janeiro de 2017, em Felixstowe, aos 48 anos, depois de anos de depressão. Na segunda-feira seguinte, os alunos dele apareceram para a aula como de costume, e a sala ficou cheia de amigos e ex-alunos. As aulas do último curso viraram livro em 2020, *Postcapitalist Desire*, organizado por Matt Colquhoun. Em 2018, a Repeater reuniu os textos do blog, entrevistas e inéditos em *k-punk: The Collected and Unpublished Writings of Mark Fisher (2004-2016)*, um volume de cerca de 800 páginas.

POR QUE LER AGORA

Fisher escreveu sobre um mundo de iPods, celulares e blogs, e quase tudo o que ele descreveu ficou mais intenso depois. A conexão permanente, o tédio diante de uma tela que nunca acaba, a cultura que recicla o próprio passado, a política transformada em vigilância de comportamento: tudo isso aparece nos textos dele antes de ter nome.

O k-punk também é um lembrete do que a internet foi capaz de ser. Um homem sozinho, com uma tela preta e letra Courier, escreveu de graça, por anos, para quem quisesse ler, e mudou a forma como uma geração pensa a cultura. Os textos continuam no ar. ■

A GALERIA NOTURNA



As prisões do futuro

À maneira de Giovanni Battista Piranesi

TECHNE · PARA “K-PUNK, O BLOG QUE VIU O FUTURO SER CANCELADO”

QUEM ESCREVE



PABLO MURAD EDITOR-CHEFE NESTE NÚMERO

WEBSITE pablomurad.com



INTERVALO · GRAMMATICA


A NOITE É DAS ARTES



01

COLOFÃO

NÚMERO	Nº 01, outubro – novembro de 2026
PUBLICADO	16 de novembro de 2026, em noctem.art
IMPRESSO	Composto em 16 de novembro de 2026 a partir dos ensaios como estão no site.
TIPOS	Newsreader, da Production Type, e Big Shoulders Stencil, de Patric King, ambas sob a SIL Open Font License.
IMAGENS	Estênceis, serigrafias e quadros que nunca existiram, feitos para cada ensaio. A capa passa todos pela tela mais uma vez.
EM CASA	Edição em livreto: noctem-01-booklet.pdf. Imprima em A4 frente e verso, virando pela borda curta, dobre a pilha ao meio e grampeie no vinco.

NOCTEM.ART/ZINE/01

NOCTEM.ART

Doze portas numa só parede. Cada ensaio entra por uma delas.



